

VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MODALIDADE DE PROJETOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Andreza Bispo dos Anjos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

Klayton Santana Porto

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a análise crítico-reflexiva das experiências de estágio curricular obrigatório II na modalidade de projetos que foi realizado no curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em ciências da natureza e matemática. O artigo traz reflexões acerca da formação de professores e da Educação do Campo bem como do ensino de ciências da natureza no contexto do campo em Antônio Cardoso- Bahia. O objetivo principal desse estágio foi perfazer a práxis no ensino de ciências nas escolas do campo de forma contextualizada e fazer do educador um agente social dentro da escola. A metodologia empregada é qualitativa acerca das experiências do estágio que aconteceu em uma turma do 3º ano do ensino médio na escola estadual. As análises trazidas são os resultados das experiências do estágio desde a construção do projeto até a execução das oficinas, as quais proporcionaram-me ampliação dos conceitos e experiência profissional e social quanto educadora do campo além de encampar uma reflexão profunda sobre a formação de professores. Pensar e agir na escola como uma instituição pedagógica e social dentro desse momento de estágio, nos trouxe uma ampliação do conceito de Educação do Campo e uma nova didática para as ciências da natureza, para além disso dar uma nova roupagem no ensino aprendizagem da escola campo, deixando uma marca significativa para alunos e professores.

Palavras chave: Educação do Campo. Formação de professores. Estágio na Modalidade de Projetos

1 Introdução

A Educação do Campo, construída num espaço de lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo, é traduzida como uma “concepção político pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e extrativistas” (CNE/MEC, 2002).

O ser humano precisa de estabelecer relações sociais, sejam elas no mundo do trabalho, no seio familiar ou pela educação, para se tornar de fato um ser social. Para tanto, há necessidade de incluir os sujeitos, independentemente de sua classe, raça, crença, gênero e qualquer especificidade que o coloque em posição marginalizada perante uma sociedade com paradigmas e estereótipos não contundentes.

Na realidade que está posta, nós como sujeitos sociais do campo que buscamos o desenvolvimento através da educação, pensamos em fazer do espaço acadêmico e escolar espaço social, pedagógico e político, contextualizando conteúdos que parecem ser restritamente científicos para transformar o meio social através de uma conscientização política dos sujeitos envolvidos direta e indiretamente.

O educador, no diálogo com seus alunos, precisa lhes transmitir não só conhecimentos, mas também convicções. E, complementando seu assumido senso crítico, o educado socialista deve estar atento para o que lhe vem do lado dos seus interlocutores e que o auxilia em seu esforço de não perder seu senso autocrítico. (KONDER, 2017, p. 21)

Instigada pela *Sociologia para Educadores* que envolvi em meu trabalho um objetivo que muitas vezes é deixado de lado que é a formação de cidadãos de direito. O mundo do trabalho por si só não dá conta de formar seres sociais. A educação pode e deve ser o meio de transformação e de se fazer justiça social. Eu pensei em meu projeto, fazer da instituição educacional também instituição pedagógica e educacional através das experiências adquiridas no conjunto da escola.

O ensino de ciências nos permite tratar de um fato social de forma muito produtiva tanto do ponto de vista de compreensão de conteúdos didáticos quanto na conscientização política dos sujeitos do campo, que é a questão agrária e assim foi feito em sala, antes e durante as oficinas. O ensino de ciências da natureza tem condicionantes para formar seres sociais com crítica reflexiva e construtiva em torno das problemáticas que o homem do campo enfrenta na tangente do território, identidade, saúde, racismo ambiental dentre outros temas advindos da questão agrária.

Neste mote, o estágio contempla a *práxis* no ensino-aprendizagem de modo que permite os sujeitos construir conhecimentos com base em saberes científicos e empíricos, podendo atuar dentro do espaço escolar de maneira lúdica para atrair o interesse para as áreas do conhecimento que se aplicam e para também despertar e aguçar a sobriedade cidadã e política dos sujeitos envolvidos sendo um colaborativo epistemológico fundamental.

De acordo Pimenta e Lima (2010), o estágio realizado através de pequenos projetos possibilita que os estagiários vivenciem um processo em todas as suas etapas: diagnóstico, planejamento, execução e avaliação, em um espaço de tempo com começo, meio e fim, e lhes permitem serem aprendizes e autores simultaneamente, enquanto aprende a organizar e gerir o que é necessário e possível em um determinado tempo. Portanto, essa experiência

enriquece a formação de professores com uma amplitude considerável no sentido da capacitação profissional e transformação do meio escolar.

Entendendo que a formação de professores não deve apenas formar profissionalmente, mas também formar socialmente para que a escola seja um lugar de formação cidadã e transformação social, o estágio em forma de projetos versa que o licenciando tenha uma percepção e imersão na escola que não seja apenas para cumprir carga horária, mas que tenha possibilidade de conhecer o ambiente num sentido mais amplo e ser um agente social transformador, contribuindo também para uma construção de currículo mais contemplativa para os sujeitos do campo. O professor não é apenas um transmissor de saberes. Segundo Tura (2002, p. 51):

É um agente de formação integral dos alunos e, por isso, tendo domínio das disposições pessoais para corresponder às exigências de seu tempo, pode criar as condições para as mudanças sociais que se fizeram necessárias. Esta é a formação de futuros cidadãos.

Na tangente do ensino de ciências, as aplicações de valores da agroecologia por si só, agem na transformação e formação social dos sujeitos do campo dentro do ambiente escolar, o diálogo dos conteúdos das ciências com o meio propicia experiências enriquecedoras na formação de professores da Educação do Campo, uma vez que isso traz dificuldades reais que podem ser encontradas e diversas possibilidades de fazer o trabalho considerando a realidade do local e dos sujeitos.

O ensino de ciências ainda tem diversas fases e faces, uma delas é o sentido apenas pelo capitalismo, para formação direcionada para o mundo do trabalho sem o fazer social nem o ser social. A educação como projeto político pedagógico contra hegemônico faz o caminho inverso, através de seus educadores sociais que nos espaços que conseguem tomar constroem educação para a civilidade social.

O ambiente escolar e muito menos a academia não nos foi dada de presente. Fazendo valer toda trajetória que me carrega até aqui, acreditamos na concepção de saberes empíricos e na convalidação destes no meio científico, sendo de elevada relevância desenvolver o estágio em forma de projetos. O licenciando precisa desse momento de sua formação para ser o melhor profissional formado para si quanto para quem atenderá. O estágio não é importante porque é obrigatório mas tornou-se obrigatório devido sua importância, não só para o licenciando quanto para a universidade e para as instituições educacionais e pedagógicas que concedem o estágio.

A experiência e a reflexão são indissociáveis no processo de formação docente, no contexto da educação do campo se torna ainda mais importante, sobretudo do ponto de vista que os licenciandos serão professores de ciências e de matemática. Especialmente nas ciências da natureza, é necessário a valorização das experiências dos alunos e do saber científico do professor [...] as ideias prévias dos alunos têm papel fundamental no processo de aprendizagem, que só é possível embasada naquilo que ele já sabe. (BRASIL, 1997, p. 23). Logo, isso foi na prática o estágio em forma de projetos através das oficinas temáticas.

Esta modalidade de estágio nos permite encampar um molde para a construção de uma educadora que permite a escola ser um ambiente pedagógico social sem prejuízo da construção da cidadania nem da construção da formação científica, permitindo um horizonte que essa possibilidade poderá ser realidade.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a análise crítico-reflexiva das experiências de estágio curricular obrigatório II na modalidade de projetos que foi realizado no curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em ciências da natureza e matemática. Sendo assim, este artigo traz reflexões acerca da formação de professores e da Educação do Campo bem como do ensino de ciências da natureza no contexto do campo em Antônio Cardoso-Bahia.

Então, aqui trazemos aspectos fundamentais da metodologia, da base teórica empregada, as considerações e reflexões sobre o trabalho como um todo. Este artigo, tem como base um relato de experiência do estágio curricular obrigatório II em forma de projetos, desde sua fundamentação teórica a sua atividade prática.

2 Metodologia

A pesquisa exploratória de natureza qualitativa remete a significação do aprendizado na perspectiva de construção de conhecimento sem apego a números e dando máxima importância para o que não pode ser quantificado. Para isso apontamos:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

A construção do projeto foi a partir da leitura dos textos indicados pelo componente de estágio curricular obrigatório e o diagnóstico da escola realizado a partir das visitas de

Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 7, n. 7, p. 7514-7526, maio, 2019.

observação, acontecendo ainda durante o TU- Tempo Universidade. Da mesma forma para o planejamento das oficinas, nos apropriamos de leituras complementares de escolha livre dos licenciandos, do próprio diagnóstico realizado a partir de conversas diagnósticas com os professores supervisores e apoio do livro didático, neste caso, a principal leitura complementar foi o PCN de ciências da natureza.

Este artigo traz a experiência de observação participante de uma oficina temática e regência supervisionada em outra. A primeira sobre compostagem e a última sobre bioinseticida, ambas retratando conteúdos programáticos de ciências da natureza e a produção agroecológica, também colocando em evidência a função social da escola e das ciências da natureza nesse sentido.

As oficinas aconteceram no turno vespertino, com duração de 4 horas cada, sendo que no último dia aconteceu a socialização dos produtos das oficinas, com a mesma carga horária e em mesmo turno, uma vez que a escola só possui ensino médio no período vespertino. Para cada planejamento de oficina, designamos em média 3 horas para tal. Contando um público de 33 alunos em cada atividade, todos da escola Estadual do município de Antônio Cardoso-Bahia.

Todas as oficinas se iniciaram com uma mística, o objetivo da mística é fazer uma reflexão do tema antes de sua apresentação, além de proporcionar um exercício espiritual de ancestralidade e tradição. A mística é o ânimo para enfrentar as dificuldades e solidariedade entre aqueles que lutam. (BOGO, 2012, p. 478.)

Aqui só apresentarei o processo da oficina de bioinseticida, porque esta foi planejada e executada por mim. Esta oficina tratou do conteúdo didático de misturas e soluções, e introdução a química orgânica, entretanto, como nosso foco foi sempre de colocar na pauta principal a produção agroecológica, pontuamos as diferenças entre bioinseticidas e os venenos industriais e como isso era visto politicamente.

Esta oficina teve duração de 4 horas sua execução e 3 horas de planejamento, o planejamento foi feito com base no diagnóstico da escola e da turma em questão, e também o livro didático, uma vez que a oficina deveria estar de acordo com o cronograma escolar do ponto de vista da programação dos conteúdos. Seu objetivo principal foi contextualizar o conteúdo programático de química orgânica com a realidade do campo cardosense, como atividade avaliativa foi feita uma atividade em grupo para debater e analisar a possibilidade de uso do bioinseticida e a confecção de um painel de identificação dos compostos orgânicos.

3 Análise crítico-reflexiva do estágio

A primeira ação do projeto foi ir à escola fazer uma visita no sentido de conhecer o espaço que seria nosso laboratório experimental. Embora a estagiária tenha sido estudante da escola em que o estágio foi desenvolvido, sentiu-se a diferença do olhar sob escolha de quando eu ainda não era licencianda para o presente momento. Até então poderíamos dizer que conhecia a escola muito bem e que até poderia traçar um perfil dos alunos, mas com o olhar de educadora do campo, com a formação que estamos tendo, com o acúmulo de informações e trocas de experiências, percebi que tudo era superficial e que o mundo profissional é muito criterioso e para fazer um bom trabalho é preciso estar preparado.

Na visita conhecemos os professores de química e física que atuam na escola, tivemos um bate papo no qual me foi apresentado o livro didático utilizado e os conteúdos programados para serem trabalhados durante o ciclo. A diretora me apresentou os projetos que já existem na escola. Verificamos as instalações da escola, que antes do conhecimento técnico eu não poderia fazer uma crítica reflexiva acerca das instalações. Antes da visita a turma em que eu iria executar minhas atividades de estágio já havia respondido o questionário de (re) conhecimento.

Articulando todas as informações e me apropriando das literaturas, nos juntamos com os colegas e o professor orientador de estágio para que fosse possível construir o projeto de estágio e planejar as oficinas. Em todas oficinas ministradas, os conteúdos foram contextualizados, articulando o ensino de ciências da natureza com as práticas agroecológicas e na prática fizemos experimentos que engajaram os alunos no processo. Buscamos a fundo trazer a questão agrária para dentro da sala e da vida dos sujeitos, pois se assim não fizesse fugiria da lógica da educadora socialista que buscamos ser e acreditamos.

O professor é um transmissor de saberes- oriundos das ciências físicas e biológicas, da história, dos conhecimentos literários e estéticos, das crenças e costumes- valorizados e essenciais à continuidade societária. É um agente de formação integral dos alunos e, por isso, tendo o domínio das disposições pessoais para corresponder às exigências de seu tempo, pode criar as condições para as mudanças sociais que se fizerem necessárias. Esta é a importante função social do mestre, de contribuição essencial para a formação de futuros cidadãos. (TURA, 2002 p. 51)

A formação escolar e a formação de cidadãos não devem ser imbricadas e sim intrínsecas nas instituições pedagógicas, sobretudo no ensino de ciências para os sujeitos do campo e isso deve ser dado a partir do educador do campo.

O estágio obrigatório curricular II, teve sua *práxis* exercida durante os dias 24, 25 e 26 de abril deste, no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães no município de Antônio Cardoso, Bahia. Estágio em forma de projetos, que culminou em desenvolver nos estagiários e na escola a capacidade de recepcionar métodos lúdicos no cotidiano e permitir uma transgressão no ensino aprendizagem. Assim, entende-se por projeto: Um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano [...] só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica, científica e o que é essencial, participativa. (VASCONCELOS, 1995, p. 43).

A turma na qual realizamos as atividades é uma turma do terceiro ano, onde encontram-se 33 alunos ativos, numa faixa etária que varia dos 16 aos 18 anos de idade, com exceção de uma aluna com deficiência psicomotora com 36 anos de idade. Dentre os 33 alunos 11 são do sexo masculino e 22 do sexo feminino, 6 alunas já têm filho, entre os homens nenhum com filhos ainda, isso mostra o quanto a educação sexual é importante e acredito que através do diálogo podemos sim fazer uma outra dinâmica na vida sexual dos jovens, embora seja muito comum as meninas parirem cedo na região é perceptível que falta instrução em casa, na escola e no serviço público de saúde sobre a prevenção contra a gravidez e DST's.

A partir do perfil traçado pelos próprios alunos de si mesmos e pela observação feita durante a visita técnica é possível caracterizar a escola como escola do campo, porquê vi que a escola só lota após a chegada dos ônibus que fazem o transporte dos alunos da zona rural, sendo assim a maioria do corpo estudantil da escola é da zona rural. Pelo questionário aplicado fica provado o que levantamos porque apenas 4 alunos dos 33 afirmaram morar na sede do município, o único território reconhecido como perímetro urbano do município. Visualmente a turma é majoritariamente afrodescendente, mas seguindo o questionário onde eles se autodeclararam obtivemos os seguintes números: 12 autodeclarados negros, 4 pardos, 16 pretos e 1 amarela, embora ninguém tenha se declarado ser estrangeiro ou ascendência originária do povo amarelo uma aluna se autodeclarou assim e isso é importante para que eu percebesse o quanto precisamos nos empenhar mais para efetivar a lei 10 639/03 e a lei 11 645/ 08 nas escolas de ensino básico, infelizmente ainda não chegamos a uma consciência de raça que permita os sujeitos terem uma identidade forte. A aluna tem pele clara, cabelos loiros e olhos verdes e sua auto declaração como amarela é um uso pejorativo da palavra que define uma raça.

No dia 25 de abril, foram realizadas as oficinas temáticas em todas as turmas concomitantemente, foi o momento de observação, na turma do terceiro ano na qual também fiz o questionário que aplicamos e desenvolvemos as minhas oficinas. A oficina que observamos coparticipamos foi com o tema compostagem. No primeiro momento fomos apresentados à turma dizendo apenas os nomes e em seguida uma apresentação de slides sobre compostagem abordando os conteúdos de química envolvidos na técnica, houve poucas intervenções durante a apresentação pois os alunos disseram que não estavam se sentindo atraídos pelo tema devido terem pouco conhecimento dos assuntos de química que foram os mais explanados. Embora a técnica envolva também assuntos de física e biologia que são conteúdos importantes no ensino médio, eles disseram que se sentem prejudicados pelo fato da escola não dispor de um professor de química e não ter um laboratório onde eles possam realizar alguns experimentos.

Durante a visita técnica que fizemos à escola nos foi passada a informação que o professor que leciona química tem formação em bacharelado em biologia, o que pode ser um problema do ponto de vista técnico. Após a apresentação dos slides, fizemos uma intervenção para falar mais politicamente da agroecologia e da importância da educação do campo, em seguida falamos um pouco mais sobre compostagem usando uma linguagem mais didática, substituindo alguns termos técnicos por termos populares e sempre falando o que era dentro do campo das ciências da natureza, alguns alunos até se interessaram em fazer compostagens em casa. Contudo, não tinha uma amostra do que era a compostagem e nem material para realizar o experimento durante a aula. Infelizmente a oficina não teve a duração de 4 horas, devido um pequeno problema na comunicação entre a ministrante e a professora que coordenava a unidade concedente.

No dia 26, ministramos a oficina que planejamos para os alunos do 3º ano, com o tema *Produção e manejo de biofertilizantes*. A oficina foi iniciada com uma mística de abertura onde todos puderam identificar durante uma ciranda suas comunidades, em seguida foi abordado o tema agroecologia e um breve bate papo sobre como essas práticas são importantes e porquê não estão inseridas no nosso cotidiano, levando em conta a questão política relacionada a reforma agrária e a estratificação social, presente no campo brasileiro. No terceiro momento foi distribuído um material para cada estudante contendo a receita do bioinseticida e um apanhado sobre o conteúdo de ciências da natureza que envolvia o tema. Este tema foi escolhido porquê no município de Antônio Cardoso é muito comum encontrar a planta *Nim* em pequenas propriedades e também como ornamentação. Boa parte da

população não sabe os danos que a planta pode acarretar a biodiversidade, então falamos dos benefícios e dos malefícios que a planta traz. Na parte da biologia, falamos sobre a degradação ambiental, que esta planta por ser inseticida mata as abelhas e apontei quais as consequências negativas disso. Por outro lado, mostramos como a química está presente em nossas vidas e, com isso, viabilizamos oportunidades de conhecimento em química com a produção do bioinseticida, que foi feito durante a oficina com a colaboração dos estudantes.

A proposta foi tendenciosa em despertar interesse pelo estudo das ciências naturais, que até então parece ser acessível e compreensível apenas por uma classe dominante ou apenas por uma elite intelectual. A ideia central foi mostrar que todos têm direito à educação em todas suas vertentes. A oficina é um momento lúdico de grande valia tanto para os estudantes quanto para o estagiário. O conhecimento sobre como a natureza se comporta e a vida se processa contribui para o aluno se posicionar com fundamentos acerca de questões bastante polêmicas e orientar suas ações de forma mais consciente (BRASIL, 1997). O ensino de ciências não deve apenas dar conta do mundo do trabalho, mas deve também abastecer gerações de informações que construam conhecimento e edifiquem concepções políticas e sociais com a natureza.

Por fim, com a nossa orientação e o material que poderia ser apropriado, os estudantes se dividiram em grupo para a construção de painéis onde identificavam substâncias, misturas e soluções encontradas na natureza, resultado da experiência que fizeram com a produção do bioinseticida que utilizou das ciências da natureza para se explicar e principalmente da química.

A execução das oficinas que concretizaram o estágio curricular obrigatório, junto a construção do projeto e o planejamento de cada atividade, fizeram parte de um todo de ensino aprendizagem muito rico na formação de professores.

O maior resultado é a possibilidade que essa experiência nos dá de reconhecer os erros e acertos em sala de aula e fora dela, tanto do ponto de vista social quanto profissional, ressaltando que não há possibilidade de se formar sem trabalho e educação sendo um pelo outro, neste sentido as oficinas mostram com franqueza e magnitude como o mundo do trabalho pode ser construtivo para educar e para formar cidadãos e trabalhadores. Nesse contexto, o mundo do trabalho por meio da agricultura familiar, onde o público está inserido fortemente, na sua cultura, identidade e vivência cotidiana, as oficinas temáticas tratando a agroecologia como política social e modo de vida de alto desenvolvimento e sustentabilidade e apontada como uma reflexão e ação transformadora do homem como

parte da natureza para fim da agricultura familiar e da identidade de diversas tradições imersas no contexto do campo de Antônio Cardoso, têm uma significação expressiva na experiência de estágio para todos os envolvidos.

Com isso, acreditamos que o resgate da identidade e tradições desse grupo com base em que:

Constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) “que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura (GUBUR; TONÁ, 2012, p. 59).

O ensino de ciências parece perigoso apenas pelo fato de o ser e fazer tão necessário no cotidiano da humanidade moderna, no entanto, há uma restrição histórica que abrange a classe, raça e o gênero como definidores do acesso a informação acerca disso e sobretudo da construção do conhecimento, as minorias estão sempre a margem do acesso as melhores e principais conquistas científicas e tecnológicas.

Precisamos romper com um paradigma social que impõe a ideia de atraso atrelada ao campo brasileiro e isso pelo mecanismo educacional e social, desta forma tratamos o ensino de ciências nesse estágio como ponte e não barreira. Com isso, nosso objetivo foi tornar o ensino de ciências um campo para análises críticas da sociedade na forma que se estrutura, para que as aulas de ciências fossem mais que memorização de conteúdos e sim laboratório a ser utilizado no dia a dia e na constituição da consciência cidadã responsável.

Para Carvalho (2000, p. 65), “a escola deve dotar as pessoas de “condições teóricas e práticas para que elas utilizem, transformem e compreendam o mundo da forma mais responsável possível”. O conhecimento sobre como a natureza se comporta e a vida se processa contribui para o aluno se posicionar com fundamentos acerca de questões bastante polêmicas e orientar suas ações de forma mais consciente (BRASIL, 1997).

Segundo Freire (2005), a educação deveria ir muito além da repetição, constituindo-se em um instrumento de libertação, de superação das condições sociais. Para ele, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 79).

O estágio curricular obrigatório se configura nos cursos Licenciatura como um campo de conhecimento no qual os estudantes, a partir de discussões teórico- metodológicas, são inseridos no espaço escolar com o objetivo de desenvolverem atividades que possibilitem a ~~compreensão, análise, posteriormente, intervenção nesse espaço.~~

De acordo com Pimenta e Lima (2010), o estágio realizado através de pequenos projetos possibilita que os estagiários vivenciem um processo em todas as suas etapas: diagnóstico, planejamento, execução e avaliação, em um espaço de tempo com começo, meio e fim, e lhes permitem serem aprendizes e autores simultaneamente, enquanto aprende a organizar e gerir o que é necessário e possível em um determinado tempo.

A Educação do Campo, vem de um contexto social de luta por direitos civis e sociais sistematicamente negados aos povos do campo em todas as suas nuances, nesse sentido, se torna uma bandeira de luta de um movimento forte de trabalhadores organizados. Desta forma, a Educação do Campo numa perspectiva do estágio em forma de projetos corrobora com o pensamento introduzido no núcleo do projeto do estágio de ser um agente transformador e formador dos licenciandos em Educação do Campo com habilitação em ciências da natureza e matemática.

Segundo Caldart (2012):

Como conceito em construção, a Educação do Campo, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações. E, como análise, é também compreensão da realidade por vir, a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mas indicadas por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação (CALDART, 2012, p. 259).

4 Considerações finais

Sou formada pelo movimento negro e pelos movimentos sociais do campo, que me deram muita tranquilidade para escolher um lado. Sou mulher preta, jovem, agricultora familiar, mãe e estudante que acredita em justiça social a partir da luta, quem me orienta são minhas ancestrais, divindades e também humanas comuns que politizaram suas dores e transformaram em luta pela liberdade e por direitos.

A experiência e a vivência são indissociáveis no processo de formação docente, no contexto da educação do campo se torna ainda mais importante, sobretudo do ponto de vista que os licenciandos serão professores de ciências e de matemática. Especialmente nas ciências da natureza, é necessário a valorização das experiências dos alunos e do saber científico do professor [...] as ideias prévias dos alunos têm papel fundamental no processo de aprendizagem, que só é possível embasada naquilo que ele já sabe. (PCN, MEC/SEF,

1997, p. 23). Logo, isso foi na prática o estágio em forma de projetos através das oficinas temáticas.

O resultado das oficinas foi contundente com o objetivo, despertar o pensamento crítico a partir da concepção das ciências da natureza. Nesse estágio, foi possível observar durante as atividades das oficinas que as inquietações dos alunos se tornavam cada vez mais politizadas, foram trazidos relatos do contexto histórico que os próprios autores disseram nunca ter percebido a questão agrária e a questão racial envolvida nos temas.

O retorno quanto licencianda e educadora foi satisfatório, foi uma troca de saberes muito dinâmica e acredito que escrever esse artigo é parte que mostra a construção do conhecimento e o lugar de pesquisador sendo também objeto de sua pesquisa.

Referências

BOGO, Ademar; CALDART, Roseli Salete. Agroecologia. Educação do Campo. Mística. Dicionário da Educação do Campo./ organizado por Roseli Salette Caldart, Paulo Alentejano e Guadênio Frigotto.- 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais. MEC/ SEF, 1997.

MORTIMER, Eduardo Fleury. Química 1. Scipione, 2014

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. Planejando o estágio em forma de projetos. São Paulo: Cortez, 2010

Regulamento de Estágio do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitações em Ciências da Natureza e Matemática. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Pró- Reitoria de Graduação- PROGRAD. Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica. Disponível em <https://ufrb.edu.br/cetens/documentos/category/44-regimentos-e-normas>. Acesso em 13 dez.2018.

TURA, Maria de Lourdes Rangel, KONDER, Leandro, VILELA, Rita Amélia Teixeira, MAZZA, Débora, CATANI, Afrânio Mendes, Denice Baraba, PEREIRA, Gilson R. de M. Rio de Janeiro: Quartet, 2ª ed. 2002.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S):

Andreza Bispo dos Anjos Santos

Licencianda do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Bolsista do Programa de Residência Pedagógica - CAPES. E-mail: aanjos451@gmail.com

Klayton Santana Porto

Doutor e mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia. Docente e orientador do Programa Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: klaytonledoc@gmail.com